# Onésimo Teot

# "O Poder ensina-se. E, a

*(continuação da página anterior)*

Mas vou tentar responder à sua pergunta.

Nunca me esqueço de quando na década de 1970 (era eu estudante de pós-graduação em Filosofia), Joe Abys, um amigo meu doutorado em Química foi trabalhar para a Bell Labs, na altura um grande sorvedouro de doutorados em ciências.

Alguns anos depois reencontrámo-nos e ele mostrou-se alarmado com o espaço abissal que então já testemunhava entre os "have" e os "have not".

Apercebia-se de como estávamos a caminhar vertiginosamente para uma sociedade onde cada vez mais um grupo restrito expandia e dominava as áreas do conhecimento e os meios de acesso a esse conhecimento, bem como os respetivos proventos económicos, enquanto o grosso das populações ia ficando mais e mais afastado, sem acesso nem ao conhecimento nem aos benefícios materiais dele. Essa descoberta pessoal do meu amigo é hoje uma realidade dura e crua. A pirâmide sócio-económica alongou-se descomunalmente na vertical e não resta dúvida de que o saber ou o conhecimento constituiu um fator fundamental nesse processo.

**O próprio acto de pensar, por si só, é também um exercício de autoridade?**

Depende. Se me puser a pensar só para mim e não agir, nenhum mal nem nenhum bem virá ao mundo pois isso não terá qualquer repercussão nos outros. Pensar alto é diferente. E por "pensar alto" refiro-me a pensar em público, falando ou publicando.

Tudo depende, contudo, de se falar em público numa tasca, numa roda de amigos, ou num canal de TV. O mesmo acontece com a escrita. Onde se publica faz diferença. É inerente ao pensar alto o querer ser ouvido e querer persuadir. Não aceitei fazer esta entrevista consigo para me divertir. Não a provoquei nem a pedi, mas as suas perguntas fizeram-me pensar e tentar resumir o que penso em poucas palavras para ser entendido pelos leitores e, obviamente, tentar convencê-los dos meus pontos de vista. Isso é uma forma de exercer poder, o que não significa que resulte como forma de persuadir quem quer que seja. Se eu não acreditasse que com as minhas reflexões posso ajudar alguém, não estaria aqui a conversar consigo. Repare que é uma questão de termos. Eu posso dizer que estou a tentar ajudar, porque se disser "influenciar", estou a colocar o meu discurso em termos de relação de poder. Formular esta interação como "ajuda" não é um subterfúgio. Na verdade, acredito estar a fazer algo para bem dos meus leitores, na medida em que se as minhas palavras tiverem algum poder de persuasão sobre eles, estou de facto, do meu ponto de vista, a ajudá-los. Tudo depende da perspetiva de se ver este tipo de relacionamento. Porque, vistas as coisas de outro ângulo, terei de admitir sem rebuço que procuro influenciar as pessoas. Mentiria se dissesse o contrário. Afinal, o que ando eu a fazer como professor há mais de cinquenta anos?

**Como responde à intitulada "crise dos intelectuais"?**

Não acredito nessa crise.

Nunca como hoje o mundo teve tanta gente altamente culta.

Basta ver o crescimento exponencial de doutoramentos no mundo inteiro. Pode dizer-me que muitos doutoramentos valem pouco ou nada, todavia mesmo que apenas um décimo deles tenha valor (estou a dar-lhe isso de barato, mas essa pequena quantidade serve para o meu argumento), esse grupo é ainda muito maior do que há 50 anos.

Mais: nunca se publicou tanto nem se foi tão longe em tantas áreas do saber.

Claro que os avanços são imensamente maiores nas ciências naturais do que nas ciências sociais e humanidades.

No mundo do conhecimento em geral, porém, os progressos são enormes. Não estou de modo nenhum a retirar valor às grandes figuras do pensamento do passado.

Se hoje sabemos o que sabemos é, em grande parte, graças a elas. Mas não nos ficámos por aí.

Há uma afirmação, atribuída a Newton mas que, na verdade, é do filósofo francês Bernard de Chartres, meio-milénio antes dele: "Vejo mais longe porque estou em cima dos ombros de gigantes".

Só quem nunca foi a um congresso numa qualquer área do saber não reconhecerá que é imenso o número do que antigamente se denominava "intelectuais".

Nos anos 1960 ouvi uma história supostamente real de um catedrático de Coimbra que foi a um congresso na Alemanha, oportunidade só aberta a privilegiados naquela altura.

Ao regressar, os alunos pediram-lhe impressões da experiência e ele respondeu: "Foi um acontecimento muito importante e de grande envergadura. Só sábios éramos 14!"

O que mais há por esse mundo fora são congressos especializados onde encontramos sempre figuras extraordinárias no seu campo de especialidade.

**Mas estarão mais arredados do espaço público?**

O que aconteceu foi que deixámos de ter presente a figura do intelectual com uma visão mais ou menos informada e abrangente da realidade a quem deveria caber pronunciar-se sobre os mais diversos assuntos.

Essa figura, porém, não desapareceu, apenas mudou de nome.

Hoje multiplica-se em comentadores de TV e colunistas nos jornais ou nos blogues.

Não se chamam "intelectuais" porque o termo ganhou uma certa conotação negativa.

Se discordar, argumentando que a qualidade não é a mesma, ripostarei que não faltam excelentes comentadores e colunistas de gabarito, muitos deles com excelente formação académica.

O facto de abundarem "tudólogos" de pouco nível não retira o valor aos que verdadeiramente o têm.

Muitos famosos "intelectuais públicos" (devo acrescentar o adjetivo pois é disso que estamos a falar) do passado, nos seus comentários sobre questões fora das suas áreas de especialização, não eram particularmente brilhantes, aliás eram com frequência banais, ou mesmo pobres nos seus pronunciamentos.

A vantagem é que essas figuras eram poucas e tinham adquirido um estatuto que lhes permitia emitir sobre tudo juízos incondicionalmente aceites. Mas o mundo mudou.

Um significativo sinal dessa mudança ocorreu na revolução estudantil do Maio de 68 em Paris.

Sartre, o então intelectual público por excelência, que sobre tanto assunto fez declarações para esquecer, ia falar num comício e um estudante pôs-lhe um bilhete à sua frente com a instrução: "Seja breve!"

Sartre admitiu ter sentido que algo tinha mudado em relação à sua ilimitada autoridade de intelectual.

**Os académicos expõem-se menos agora?**

Na verdade, o que temos hoje é a figura do especialista, mais interessado em conversar com os seus pares porque são eles que lhe permitem melhorar a qualidade do seu trabalho a fim de poder publicá-lo nas melhores revistas.

Trata-se, por outro lado, de alguém que também tem a noção do ridículo que é vir a público pronunciar-se sobre matérias que ultrapassam o seu campo, visto reconhecer a existência de conhecedores dessas áreas que, se o ouvirem ou lerem, serão altamente críticos e isso afetará a sua reputação entre pares.

Assim, os académicos recuaram e poucos se atrevem a expor-se publicamente (como por exemplo eu estou a fazer aqui).

É que, quando nos envolvemos com os meios de comunicação, ficamos em contato com um público muito diversificado e somos de repente solicitados a pronunciar-nos sobre assuntos em que não somos especialistas.

Não me admira nada que esse seja um fator inibitório.

Os pares são os primeiros a olhar com desdém e isso não acontece necessariamente por inveja.

Depois, se não se toma cuidado, um "intelectual público" pode deixar-se levar pelo entusiasmo de ser apreciado pelo grande público e tornar-se mais e mais num "tudólogo" que os colegas acabam por desdenhar.

Em inglês há uma expressão para os prémios Nobel que, depois de laureados, são assediados pelos "media" com perguntas sobre tudo e mais alguma coisa.

Um Nobel que não se acautele corre o risco de "gooffthedeepend" – é a expressão corrente. Deixa-se levar pelo precipício abaixo pensando que está a